

O morrer e a morte em “Os obedientes”, de Clarice Lispector - uma leitura baseada na obra *O homem e a morte*, de Edgar Morin

Cristiane Amorim*

“**O**s obedientes” é o penúltimo conto de *A Legião Estrangeira*, livro publicado em 1964. Em 1971, passa também a compor *Felicidade Clandestina*. Embora haja nas obras citadas textos homônimos, os três títulos dão corpo a um emaranhado significativo que será posteriormente explorado.

Na narrativa, um misto de narradora/escritora apresenta seu objeto, “um fato a contar e a esquecer”, para, em seguida, submergir, mergulhar em sua “difusa repercussão”. De maneira essencialmente clariciana, salta-se do plano para o profundo. Nesse ponto, esbarra-se na questão da linguagem, quase sempre aquém (embora por vezes além) do pensamento, das sensações, das percepções; esbarra-se na dificuldade de encontrar palavras que não traiam, que tragam à tona com fidelidade o real oculto, íntimo.

Envolta na angústia do dizer, a narradora conclui: “[...] toda palavra tem a sua sombra” (Lispector, 1999, p.81). Pode-se inferir que essa sombra refere-se ao significado (ou à multiplicidade significativa) – espécie de alma – projetado a partir do significante, constituindo um duplo, a bifurcação terminológica. Ao mesmo tempo, esse teor espectral, sombrio, encerra o impronunciável, aquilo que se esconde, que não se projeta, como se toda palavra fosse incapaz de expor suas entranhas, de trazê-las à luz. Há algo que não se exprime. Antônio Carlos Secchin,

* Mestranda em Literatura Brasileira (UFRJ).

no livro de poemas *Todos os ventos*, ratifica essa busca eterna e aflitiva, pela completude, de todo o querer-dizer: "falar é tatear o nome do que se afasta" (2002, p.115).

Sob outra perspectiva, em "A literatura e o direito à morte", Blanchot afirma: "Na palavra, morre o que dá vida a palavra; a palavra é a vida dessa morte; é a vida que carrega a morte e se mantém nela. Admirável poder". (1997, pp. 314-5). Pelo prisma da representação, aquilo sobre o qual *eu falo* sucumbe para nascer outro (duplo, sombra), por intermédio da palavra. Todo dizer é assassino da coisa-em-si, composto de espectro e morte. De acordo com essa análise, vislumbra-se a tríade interativa que a palavra carrega: sombra-significado(s), sombra-indizível, sombra-morte.

O que se seguirá no texto será uma imagem representativa, subjetiva, repleta de sensações e impressões do fato, que se deteriora e renasce outro, duplo, através da narrativa (a difusa repercussão do fato é também sombra). Esse outro que emerge do literário nunca será "a coisa-essência" e jamais dará conta dela. Contudo, indubitavelmente, edifica-se com metáforas e imagens que, embora não alcancem o *real*, por vezes o ultrapassam (a sombra maior que o corpo), atingindo um sentido novo, pleno. O fato seco falece para dar lugar à literatura úmida, pois matéria de vida e morte.

Pela voz da narradora, o leitor é apresentado a um casal de meia-idade que, por uma razão que lhes escapa, tenta (sem êxito) viver mais intensamente. Um homem e uma mulher obedientes ao que deles se espera e, talvez, ao que um espera do outro escondem do mundo e, por vezes, de si mesmos um desejo íntimo de desobedecer. Esta desobediência, todavia, encerraria uma obediência: desobedecer à esfera social que os oprime significaria obedecer aos seus anseios secretos. Desobedientes a si mesmos, portanto sem "eu", sem identidade, tornam-se "iguais", "pessoas anônimas". Edgar Morin define a morte como "a perda irreparável da individualidade" (1970, p. 33). Embora se refira à morte física, pode-se perfeitamente transpor o conceito para esta morte clariciana: o corpo sobrevive (ainda que também caminhe em direção à finitude), esqueleto de um "eu" moribundo e decrépito. O indivíduo, ser único, sucumbe dentro de uma estrutura corpórea viva.

A tentativa de lutar contra essa morte fracassa principalmente pela dificuldade de compreensão do quadro em que se encontram, conseqüência da falta de "terminologia adequada a pensamentos" (p. 81). Tem-se então a importância da linguagem, das palavras para apreensão do "eu" e garantia de sua existência. O "eu" perece diante

da ausência terminológica que o faça entender a si mesmo. Visualizá-lo através do "dizer" é, por vezes, salvá-lo da morte, como se as palavras fossem a plataforma da vida.

A narradora afirma que "faltava-lhes o peso de um erro grave, que tantas vezes é o que abre por acaso uma porta" (p. 84). A obediência, portanto, está para o certo, para aquilo que deve ser feito, enquanto a desobediência está para o erro, para aquilo que pode fazer mal ao outro, mas, certamente, é a chave da felicidade, da liberdade do indivíduo. Por analogia, a morte do "eu" se relaciona com as atitudes "certas" e a vida, com os erros. Logo, obedecer – fazer o certo – morrer se opõe a desobedecer – errar – viver. Em carta a Tânia Kaufmann, Clarice escreveu:

[...] não pude deixar de querer lhe mostrar o que pode acontecer com uma pessoa que fez pacto com todos, e que se esqueceu de que o nó vital de uma pessoa deve ser respeitado [...] ouça meu pedido: respeite a você mais do que aos outros, respeite suas exigências, respeite mesmo o que é ruim em você – respeite sobretudo o que você imagina que é ruim em você – pelo amor de Deus, não queira fazer de você mesma uma pessoa perfeita – não copie uma pessoa ideal, copie você mesma – é esse o único meio de viver [...]. (Montero, 2002, p.166)

A autora alimenta a visão de que o mal, o erro, o defeito são sustentáculos que não devem ser eliminados sob pena de o "eu" desmoronar. É o salto mortal (o risco) que se transmuta no salto para a vida: "arrisca-se à morte [...] por amor à vida, para dela fruir mais intensamente e dela se embriagar, mesmo ao preço da própria vida" (Morin, 1970, p.68). Ao se arriscar, o indivíduo se aproxima da morte que o espreita, mas uma existência covarde está irremediavelmente entregue aos envolventes braços de *thánatos*.

Em outro momento da narrativa, são fornecidas as razões da obediência: "Eles eram obedientes. Também não apenas por submissão: como num soneto, era obediência por amor à simetria." (p. 84). O simétrico, o ordenado são recorrentes no texto clariciano e quase sempre refletem uma vida morna, apática. Analisando os organismos e as sociedades, Morin conclui que "a vida funciona com a desordem" (1970, p.10). Incorpora-se, então, mais um item, ao campo semântico composto por elementos imprescindíveis à liberdade, à felicidade (?) do "eu": desordem – erro – desobediência. A tentativa frustrada de

disposição simétrica das coisas no mundo e/ou a tentativa individual de compor com o mundo um quadro simétrico encobre a impossibilidade de ordenação do que há de mais íntimo nos seres.

Ao olhar para fora e obedecer a uma expectativa, abdica-se do arriscado mergulho no universo interior. Ter “menos ao que chamar de fatos, assim como colegas de trabalho, ônibus cheio, palavras administrativas” (p. 83) faz com que o “real” da mulher insurja com maior freqüência. No entanto, os personagens de “Os obedientes” agem, quase sempre, como “o homem das civilizações modernas”, proposto por Morin, que “procura fugir à idéia da morte nas suas atividades, isto é, esquecer-se de si mesmo” (1970, p. 61), embora o façam de maneira inconsciente.

Vida e morte, no conto, se encontram de tal forma entrelaçados que um é o outro e vice-versa. Enquanto os indivíduos vivem a “irrealidade”, a vida em desencontro com o “eu”, sucumbem, por não terem coragem de experimentar o “salto mortal”. Todavia, nos pequenos momentos em que se entregam aos seus mais encobertos anseios, cada um se olha e sente a presença agonizante da finitude (a água pelo pescoço). Aparentemente, a possibilidade iminente de vida ou a certeza da não-vida diante do que eles chamam “realidade” aproxima-os da “indesejada das gentes”. Permanece a questão: eles agonizam, porque se evidencia a não-existência ou agonizam porque a vida carrega o germe da morte; porque se lançar à vida é se lançar à morte, porque o homem apenas quando vê a si mesmo se encontra com a morte? Vale ressaltar que o comportamento objetivo, concreto é tido como irreal, enquanto a realidade se fundamenta nas vontades do “eu” que, ironicamente, não se realizam.

A água, veículo condutor, metáfora arcaica de todo viver e de todo morrer, “símbolo das energias inconscientes, [...] das motivações secretas e desconhecidas”, (Chevalier, 2005, p. 21) fora o termo escolhido para fazer a transposição de um pólo (“a irrealidade”) a outro (“a realidade”): “[...] o marido tocava o fundo com pés surpreendidos. Não poderia permanecer muito tempo assim, sem o risco de afogar-se, pois tocar no fundo também significa ter a água acima da cabeça.” (p. 83). São as águas profundas que trazem à tona o “real” do homem e da mulher. Através delas, eles se descobrem prisioneiros um do outro, escravos na medida em que são destituídos de identidade. O peso rotineiro da convivência obrigatória e obediente os sufoca; conduzem-nos a uma morte homeopática, a um morrer contínuo do qual não conseguem escapar. Marido e esposa compõem um elo silencioso e

mórbido que faz de suas existências uma constante imutável destituída de futuro. Foram enterrados pelas mãos severas do destino social ao qual devem obediência: como não ser aquilo que se espera de nós? – questionam intimamente.

Influenciados pelas freqüentes submersões, ela concluiu "que um outro homem a salvaria" (p. 84) e ele "que muitas aventuras amorosas seriam a vida" (p. 84). Mantiveram-se, contudo, submissos. Apesar de estarem sob o mesmo espaço físico e de sucumbirem pela mesma angústia, eles não se "vêem". A proximidade inerente a esse espaço é inversamente proporcional à distância entre seus espaços interiores; o ambiente objetivo se contrapõe ao ambiente subjetivo, embora seja a obrigação de compartilhar aquele que faça este se deteriorar. A casa ganha ares de túmulo. Ao estudar a relação do animal com a morte, Morin sentencia:

[...] uma cegueira animal à morte [...] é uma cegueira à individualidade, na medida em que essa morte significa perda de individualidade. A cegueira à sua própria morte é a cegueira à sua própria individualidade [...] a cegueira à morte de outrem é a cegueira à individualidade de outrem.

[...] parentes próximos da humanidade [...] reagem com os companheiros mortos como se estivessem vivos mas passivos. [...] aquilo que os antropóides não reconhecem é a morte-perda-de-individualidade. (1970, p.56)

Em "Os obedientes", homem e mulher, por permanecerem, por um longo tempo, cegos à sua individualidade, não reconhecem o próprio morrer e, por não serem capazes de vislumbrar reciprocamente suas individualidades, estão cegos ao morrer do outro: "reagem como se estivessem vivos". Experimentam uma felicidade clandestina, porque ilegal, desobediente; uma felicidade que precisa permanecer escusa, sufocada; uma felicidade perseguida pelas pressões sociais que se projetam no indivíduo. Ao mesmo tempo, são estrangeiros, estranhos, alienados em relação a si mesmos e ao outro: não se reconhecem e se desconhecem.

Depois de apresentar todo o processo através do qual o casal perece, a narradora chega ao dia em que a mulher, "há muito tragada pelo sonho" (p. 84), morde uma maçã, quebra um dente, olha-se no espelho e joga-se pela janela. O morrer se apresenta vagarosamente, (ocupa cinco páginas do conto), ao passo que a morte é veloz, (comporta

apenas um parágrafo), embora densa e repleta de significação. O morrer se estrutura em reticências que caminham em direção ao ponto final, à morte.

Ao morder a maçã – símbolo do prazer carnal, fruto proibido, como também era proibida a felicidade na qual costumava clandestinamente mergulhar – e quebrar o dente, metaforiza o prazer negado, a vida negada, a morte: “perder os dentes é perder força agressiva, juventude, defesa. É um símbolo de frustração, de castração, de falência. É a perda da energia vital [...]”. (Chevalier, 2005, p.330).

Ela se dirige ao banheiro com “a maçã ainda na mão”, o prazer do qual não quer abdicar. Diante do espelho, que reflete “o conteúdo do coração e da consciência” (Chevalier, 2005, p.393), sem perspectiva, e, portanto, com uma visão deformada que em muito se assemelha a sua vida obediente, mas é sobretudo emblema da incapacidade de conhecimento de si mesma, vê (ápice epífano), além de sua “cara pálida, de meia-idade, com um dente quebrado”, os próprios olhos. No rosto, o retrato da decrepitude corporal; nos olhos, a alma, a verdade, o horror de uma não-existência, de um “eu-zumbi” ainda mais decrepito, por há tempos ter abdicado da vida e, solitário, por estar ausente de si mesmo. Ela, então, afunda nas águas da morte e escolhe para si, desobediente, o suicídio, “ruptura suprema, [...] reconciliação suprema”:

[...] quando a individualidade se liberta de todos os seus liames, quando surge só e fulgurante, a morte, não menos só e não menos fulgurante, ergue-se como o seu sol” (Morin, 1970, p.47).

A perda de individualidade conduz à morte-em-vida, mas o “eu” se resgata e, contraditoriamente, se aniquila na morte-suicídio, “teste absoluto da liberdade humana” (Morin, 1970, p.69). O suicídio é o grito final que expõe as entranhas mortificadas por trás de uma máscara de obediência. O suicida não experimenta o gozo do não-viver e, provavelmente, sequer degusta o sabor da morte, embora seu ato encerre – valendo-se da ambigüidade – o alvedrio supremo do indivíduo que escolhe para si o não-ser.

Homem e mulher, ao longo da narrativa, se configuram como assassinos sem intencionalidade; desencadeiam um mútuo homicídio culposo calcado numa convivência obediente. Um não pretende matar o outro, mas é o que fazem de maneira silenciosa ao ignorarem suas individualidades. Esse processo lento – veneno gradual – torna-se

alimento para o suicida. Por outro lado, optam pelo sacrifício ("amor é sacrifício" (p. 84)) – homicídio consentido; elegem o morrer. Morin afirma que os "assassínios sacrificiais [...] tendem a libertar o assassino-sacrificante do jugo da morte" (p.110). O sacrificado morre, portanto, para afastar da morte aquele que promove o sacrifício. Em "Os obedientes", como numa gangorra, a morte de um personagem é o que garantiria a vida do outro. No entanto, como o sacrificado se oferece em sacrifício, o sacrificante é eximido de culpabilidade, de responsabilidade pela morte do outro. A reciprocidade da situação sacrificial, no conto, ao requerer a morte de ambos, contradiz e torna inútil o próprio ato.

Com o suicídio da esposa, o marido experimenta o não-luto. Todo o conhecimento da morte como perda-de-afetividade, como dor-da-ausência, como ferida, é soterrado no conto clariciano. Tem-se, então, a morte-alívio, a morte-cicatrização. "Os obedientes" bebe do conteúdo simbólico universal de todo o morrer e o subverte. A morte do outro não é uma perda, mas um ganho. Depois de a mulher se salvar do morrer pela morte, o marido encontra a liberdade, a vida. Todavia, o alcance dessa liberdade pode ser contestado através de duas passagens que transgridem a lógica ao explicitar o que se passa com aquele que permanece: "[...] andava sobre o fundo sem olhar para o chão, expedito como se usasse bengala" [...] perplexo e sem perigo sobre o fundo com uma lepeidez de quem vai cair de braços mais adiante" (p.85). Os termos "expedito e bengala" / "lepeidez e cair" encerram no conto uma impossibilidade combinatória, união de significados que se chocam, trazendo um sentido novo inapreensível, ensombrado, embora deixe entrever que o homem chegara tarde demais à vida.

É impossível escapar à morte, à decrepitude corpórea, embora a cada dia o homem consiga torná-la mais distante. Todavia o morrer em vida, fruto da abdicação do eu, da perda de identidade, pode ser evitado, ainda que seja imprescindível a aventura pela aflitiva desobediência. Para o escritor, a criação literária oferece o caminho do sacrificante, a fim de despistar seus temores de morte: "a morte que me espreita não será para mim e sim para aquele que eu mato" (Morin, 1970, p.160).

Os personagens, ao sufocarem a "realidade", incapazes de correr o risco de uma vida desobediente, deixam-se atar, covardes, pelos braços envolventes e sedutores do morrer, amante eterno da morte.

Referências bibliográficas

- BLANCHOT, Maurice. "A literatura e o direito à morte". *In: A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva ... [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- _____. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MONTERO, Teresa (Org.). *Correspondências Clarice Lispector 1920 – 1977*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Tradução de João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- SECCHIN, Antônio Carlos. *Todos os ventos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

Resumo

Leitura do conto "Os obedientes", à luz da obra *O homem e a morte*, de Edgar Morin. A análise enfatizará a presença da morte e do seu duplo (a vida) na construção do tecido literário, a linguagem como sustentáculo da existência, a batalha permanente e fatídica entre o sujeito e a esfera social, o erro como chave da liberdade do indivíduo, o choque entre realidade e irreabilidade, o contraponto entre os espaços exterior e interior, o aniquilamento e resgate do eu na morte-suicídio e a reciprocidade da situação sacrificial. No conto, o morrer não se estrutura sobre a decrepitude corpórea, e sim na perda da individualidade enquanto alameda sem retorno em direção à morte.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Clarice Lispector; "Os obedientes"

Abstract

Reading of the the short story "Os obedientes" in the light of Edgar Morin's *L'homme et la mort / Man and death*. The analysis is going to highlight the presence of death and its double (life) in the building of the literary fabric, language as the basis of existence, the constant and deadly battle between the individual and society, the error as the key element for the individual's liberty, the clash between reality and irreality, the counterpoints between the internal and the external places, the annihilation and rescue of the "I" in suicidal death, and the reciprocity of the sacrificial situation. In the short story, dying does not lie on the bodily decrepitude, but in the loss of individuality as a way toward death.

Keywords: Brazilian literature; Clarice Lispector; "Os obedientes"